

## **O PADRE E O BEATO: PASSAGEM DE ANTÔNIO CONSELHEIRO PELA VILA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DO LAGARTO-SE (SÉCULO XIX)**

---

*Claudefranklin Monteiro Santos*

Graduado em História e Mestre em Educação pela UFS. Doutorando em História pela UFPE. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Membro, na qualidade de Pesquisador, do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades (GPCIR-DHI-UFS).

Rua Tobias Barreto, 509 – Bairro Centro – 49.400-000 – Lagarto-SE  
9986-0993 – franklinmonteiro@oi.com.br

---

### **RESUMO**

O presente texto quer levar a lume as representações feitas de Antônio Conselheiro na antiga Villa sergipana de Nossa Senhora da Piedade do Lagarto à luz das discussões em torno da Igreja Católica e seu projeto de romanização capitaneada por Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro, vigário entre os anos 1874 e 1910.

**PALAVRAS-CHAVE:** Padre Daltro - Antônio Conselheiro - Romanização.

### **SUMMARY**

The present text wants to take to fire the representation done of Antônio Conselheiro in the old Villa sergipana of Nossa Senhora da Piedade do Lagarto to the light of the discussions around the Catholic Church and his romanization project captained by Monsenhor João the Baptist of Carvalho Daltro, parish priest among the years 1874 e 1910.

**WORD-KEY:** Priest Daltro - Antônio Conselheiro – Romanization.

---

Nunca é demais lembrar que ao longo de 100 anos, muitas foram as representações criadas em torno da figura do beato Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, mentor de um dos mais audaciosos projetos de implantação de uma pátria celeste entre os “homens de boa-vontade”: o Arraial de Bom Jesus, Canudos, completamente arrasado em 1897 no interior do Estado da Bahia.

Também é notório que dentro daquele projeto, o beato empenhou-se numa peregrinação que correu boa parte da Bahia e interior de Sergipe, fazendo-se ser representado das mais variadas formas. Deixando impressões mais negativas do que positivas, principalmente aos homens de mando e de batina.

Em Lagarto-SE não foi diferente. Sua passagem até hoje é motivo de discussões as mais diversas, inclusive de contradições, a começar pela data exata do fatídico episódio que gerou contendas entre ele e o engenhoso Padre Daltro. Que Conselheiro teria efetivamente passado por aquela vila tricentenária de Sergipe: o pálido e magro de cabelos compridíssimos de 1897 (de que noticia a imprensa) ou o missionário falsário de Daltro de 1886? Em quais representações deve se assentar essa rápida, porém marcante passagem do beato pelas terras do padre?

Fundada em 20 de outubro de 1698, a Villa de Nossa Senhora da Piedade é marcada por sua forte religiosidade católica. Em seus mais de trezentos anos de existência, Lagarto sempre viveu à mercê do predomínio da Santa Sé de Roma, atenta e alinhada às suas posturas e recomendações, embora exemplos não falem de sua transgressão.

A estada do Padre João Batista de Carvalho Daltro por mais de trinta e cinco anos exemplifica essa marca católica na história lagartense, sobretudo por seus feitos de ordem catequética e político-administrativa, mudando a feição de vila sertaneja representada na obra de Sílvio Romero para urbanística e progressista como ocorrera principalmente a partir de 1880, quando é elevada a condição de cidade.

Nascido em Simão Dias – SE, a 23 de Junho de 1828, João Baptista de Carvalho Daltro era filho de Domingos José de Carvalho e D. Antonia Francisca de Jesus. Sua formação intelectual, basicamente, se deu entre as cidades de Estância (Colégio Barroso) e São Cristóvão. Em 22 de Março de 1847 matriculou-se no Seminário da Bahia, iniciando sua formação pastoral até 1853, onde recebeu ordens sacras.

Foi ordenado no Seminário Santa Tereza na época de D. Romualdo Antonio de Seixas (1828-1860). Está inserido na segunda fase da gestão desse Arcebispo da Bahia,

onde se colocava ênfase no papel da Igreja como defensora da ordem estabelecida. Segundo Cândido da Costa e Silva, era freqüente nos escritos de D. Romualdo a seguinte frase: “a união entre o trono e o altar”. (SILVA, 1981, p. 12-13)

Chegou a Lagarto em 1874, onde foi nomeado Vigário de 24 de junho de 1875 a 02 de fevereiro de 1910. Segundo Armindo Guaraná foi

*“onde passou a maior parte de sua longa e proveitosa existência, semeando o bem em torno de si pelo exemplo de suas virtudes, realçadas pela mais nobre dentre todas, - do absoluto desprendimento dos seus haveres em favor dos desprotegidos da fortuna”.* (GUARANÁ, 1925, p. 131-132).

Monsenhor Daltro viveu o movimento de romanização da Igreja brasileira, desencadeado a partir da laicização do Estado, juntamente com o período em que se deram os efeitos da realização do Concílio Vaticano I (1869-1870). Como resultado imediato daquele evento, figurava a repressão ao liberalismo. Como aporte dessa empreitada, a Igreja Católica, e não fora diferente no Brasil, optou-se pelas práticas do catolicismo romanizador, que basicamente se apresentava como uma reação às revoluções liberais que estouravam pela Europa, à ascensão vertiginosa do capitalismo e o amadurecimento das idéias socialistas.

A Igreja seguia o caminho da uniformização e da unidade, tendo como timoneiro a ação exclusiva dos membros do clero, mantendo sob controle, a exemplo de irmandades, toda e qualquer manifestação que não partisse do centro (Roma). Conhecido como romanização, esse procedimento pastoral teve início no Brasil em meados do século XIX e a orientação era livrar a Igreja dos ditames da Lei do Padroado, conduzindo seus membros para o alcance da autoridade do Papa. Coube ao Papa Pio IX (1846-1878) a condução dos trabalhos. A aversão ao que seriam consideradas instituições da sociedade moderna ficou premente em encíclicas como a Syllabus, publicado por aquele pontífice, que condenava os princípios da liberdade religiosa e da separação entre a Igreja e o Estado.

Dentro das novas orientações da Santa Sé, o sacerdote assume um papel preponderante. A ele competiam inúmeras atribuições, dentre elas a de governar, administrar religiosa e financeiramente sua seara pastoral. Nesse sentido, percebe-se claramente a postura de Daltro como um perfeito e nato administrador, chegando a ocupar cargos políticos e exercer uma forte influência sobre a vida pública.

Historicamente, o que se sabe é que Daltro foi uma figura bastante articulada, chegando a desbancar um dos maiores grupos políticos de Lagarto: os Romeros. Ocupou um dos cargos mais importantes: Presidente da Câmara de Consciência de Lagarto. Foi necessariamente nessa ocasião onde se evidenciou a preocupação de Daltro com a organização do espaço urbano e rural, disciplinando o cotidiano das pessoas.

*“No caso de Monsenhor Daltro, suas obrigações ultrapassavam a política em virtude de sua posição de sacerdote. Sabia utilizar-se de seu cargo de sacerdote e introduzir na mente do povo os ditames da moral e recebia completa obediência” (FONSECA, 2002, p. 239).*

Entre outras obras, foi responsável pela ampliação da Igreja Matriz, construção do Cemitério Senhor do Bomfim, primeiro barracão de feirantes; um lazareto e o Hospital Nossa Senhora da Conceição.

A relação entre povo, freguesias ou paróquias e a Arquidiocese, as segundas se apresentando como extensão da última, é a tônica principal que se pode depreender em “Os Segadores e a Messe” (2000), de Cândido da Costa e Silva. Para entender, principalmente, a relação institucional Daltro e Arquidiocese da Bahia, essa obra é de grande valia, pois se infere da ação missionária de Daltro o que o autor chama de homogeneização do saber compartilhado e internalização de valores e padrões de conduta. Para tanto, o exame acurado de cartas trocadas entre o padre e os Arcebispos da Bahia enquanto durou seu sacerdócio em Lagarto pode vir a colaborar sobre a passagem de Conselheiro pela Vila no final do século XIX, sobretudo a data precisa, onde ocorre uma incongruência dicotômica sem tamanho frente aos desencontros de informações auferidas de outras fontes, como a imprensa.

Em Sergipe, a julgar pelos escritos de José Calasans, Ariosvaldo Figueiredo, Enoque Oliveira e Itamar Freitas, sabe-se que Conselheiro teve passagens por Itabaiana, Campos (atual Tobias Barreto), Vila Cristina (Cristinápolis), Simão Dias, Riachão do Dantas (uma das mais marcantes) além de Lagarto.

O enfrentamento do Padre Daltro ao Beato Conselheiro não foi um fato isolado em Sergipe, embora envolto de particularidades como a presença de enes personagens no empenho quase hercúleo de expulsão deste das terras marianas. Segundo Oleone Coelho Fontes, na terra natal do Monsenhor, Simão Dias, o mesmo ocorrera.

A consulta às fontes disponíveis e acessíveis até o fechamento deste artigo dá conta de uma série de informações, muitas delas, desconexas sobre o beato em Lagarto.

O Jornal “A Notícia”, em sua página 2, datado de 29 de janeiro de 1897, relata, em sua quarta coluna a visita do beato, através das iniciais C. F. Dividido basicamente em três partes, a nota dá conta de um Conselheiro magérrimo de dar dó, mas de voz pujante, assemelhado a um franciscano de barbas e de cabelos compridíssimos, cujo olhar era penetrante e desconcertante. Teria chegado a Lagarto acompanhado de grande multidão, não se sabe precisamente quantas pessoas, a cantar a Ladainha de Nossa Senhora. É sabido que o beato era devoto mariano. Ainda com relação ao olhar, o relato aproxima-o a uma alucinação mística. Depreciado, o beato é visto como uma figura nojenta, frente ao seu aspecto físico: unhas, mãos, cabeça, etc. Homem de poucas palavras e de conversa; era o beato, segundo a notícia, sujeito aborrecido. O Conselheiro narrado pela nota é de longe um sujeito gentil e de gestos gentis, de reação tempestiva às investidas de seus inquirentes, como um a perguntar o tamanho de Deus quanto ele se referia ao mesmo como grande.

Quanto à outra fonte, uma carta de Daltro, já na condição de Cônego, enviada à Arquidiocese de Salvador (a Arquidiocese de Aracaju só surge em 1910), datada de 17 de janeiro de 1886, informando da passagem do beato em Lagarto e de seu confronto com o mesmo, apresenta outros aspectos que o jornal não menciona, embora entre ambos a mesma má impressão em relação a Conselheiro e, curiosamente, o mês de janeiro.

De acordo com a carta, cujo destinatário era o Primaz do Brasil Dom Luis Alves dos Santos, irritava a Daltro o jeito autoritário do beato, apresentando-se como verdadeiro missionário. Não se prende em descrições físicas, mas a questões de mando mesmo. Percebe-se que Daltro temia a presença do beato no sentido de não perder o controle de seu rebanho; afinal àquela altura ele já estava em Lagarto há 12 anos. Acusava os seguidores do beato de ignorantes e miseráveis, que diferente do jornal, que falava em multidão, era em mais de 100 pessoas.

Afora essas duas fontes, o Padre Enoque Oliveira (1997) apresenta uma série de outros depoimentos, alguns no mínimo contraditórios e até fantasiosos, desprovidos de base histórica, que não elucidam em nada os problemas abaixo elencados, embora seja um trabalho digno de nota frente ao esforço do pesquisador no registro e exposição dos fatos, mas em se tratando de Lagarto, só isso mesmo, carecendo até hoje algo que resolva o imbróglio.

Assim posto, teria Conselheiro estado em Lagarto em 1897 e Daltro avisado muito tempo depois (precisamente 11 anos)? Considerando a sua ascendência junto às autoridades eclesiais, teria sido Daltro tão irresponsável para comunicar um fato importante deste depois de uma década? Pouco provável. Além disso, que razões teriam o Padre para omitir isto por tanto tempo? Conselheiro voltou a Lagarto 11 anos depois? Mas o que faria ele por aqui, se as coisas em Canudos, sobretudo em janeiro daquele ano já não estavam começando a ficar muito boas? Teria sido Conselheiro também irresponsável em abandonar seu povo frente à ameaça que o rondava, e que mais tarde provocara seu infortúnio? Seriam os mesmos Conselheiros? Foi realmente o beato que esteve aqui em 1897?

O fato é que Daltro ao enfrentar Antônio Conselheiro, cumpriu piamente sua missão, dentro do contexto de reforma da Igreja, sob o julgo da romanização e o fez com maestria, agindo como autoridade local (Camareiro) e vigário. O mesmo Daltro que fora tolerante com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e com a Festa de São Benedito, que apadrinhou e libertou escravos, e que também deitou e fez filhos com

devotas lagartenses, foi o algoz do beato em sua tentativa frustrada de pregar em Lagarto.

Embora o assunto aqui abordado revele aspectos que buscam acrescentar nos estudos desenvolvidos em Sergipe, a questão de Lagarto ainda não está fechada, carecendo de mais fontes, sobretudo eclesiais, que possam desdobrar nossas formas de representação da passagem de Antônio Conselheiro por Lagarto e essa relação com a Igreja Católica e autoridades locais. O campo está aberto e o objeto sedento de novas e bem-vindas abordagens no campo da pesquisa histórica.

#### FONTES

Jornal “A Notícia”, 29 de janeiro de 1897, p. 2.

Carta do Cônego Daltro ao Arcebispo, Lagarto, 17/1/1886, ASSB, ACM.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, Riolando. Elementos para a história do catolicismo popular. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 36, fasc. 141, março de 1976, pp. 96-103.

BENÍCIO, Manoel. O Rei dos Jagunços. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1899.

CALASANS, José. Quase Biografia de jagunços (séquito de Antônio Conselheiro). Salvador, Centro de Estudos Baianos/UFBA, 1986. p. 91-92.

FONSECA, Adalberto. História de Lagarto. Governo de Sergipe, 2002.

FONTES, Oleone Coelho. Canudos: Subversão e Fé. in: <http://www.revista.agulha.nom.br/oleone.html>. Acessado em 03/09/2009.

LLOSA, Mario Vargas. A Guerra do Fim do Mundo. Rio de Janeiro: ALFAGUARA BRASIL, 2008.

LOPES, José Rogério. De Conselheiro a Gentileza: o messianismo como ruptura das estruturas sociais do cotidiano. Revista de Ciências Sociais da Unisinos. Volume 43 • número 3 • set/dez 2007.

MONTENEGRO, Abelardo. Antônio Conselheiro. Fortaleza: Batista Fontenelle, 1954.

OLIVEIRA, Enoque. Conselheiro do Sertão (Entre Prédicos e Conselhos – Líder Camponês). Salvador, sem editora, 1997.

OLIVEIRA, Itamar Freitas de. No Rastro de Conselheiro. in: <http://iaracaju.infonet.com.br/CANUDOS/norastrodecons.htm>. Acessado em 03/09/2009.

OTTEN, Alexandre H. “Só Deus é grande”: a mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo: Loyola, 1990.

REVISTA DA FAAEBA, Salvador, n. esp., p. 49-54, jan./jun. 1993.

SILVA, Cândido da Costa e Silva e AZZI, Riolando. Dois estudos sobre Romualdo de Seixas, Arcebispo da Bahia. UFBA, 1981.

\_\_\_\_\_. Roteiro da Vida e da Morte: Um Estudo do Catolicismo no Sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.